

Fake News: O caso Marielle e a manipulação midiática.¹

Thallisson Reis Nogueira ABREU²
Paulo Augusto Emery Sachse PELLEGRINI³
Faculdade Estácio de São Luís, MA

Resumo

A proliferação de informações falsas, seja através de boatos ou através de *fake news*⁴ é um problema no mundo inteiro. Na maioria das vezes são publicadas com formato semelhante ao de uma notícia verdadeira, o que acaba confundindo a maiorias das pessoas. Uma das razões para tal mal seria a busca cada vez mais frequente por audiência, tendo em vista que quanto maior o número de cliques, melhor o retorno financeiro e publicitário. Em meio às várias informações falsas que circulam, destacamos as circunstâncias em torno da execução da vereadora Marielle Franco e as diversas versões existentes para explicar o acontecimento. Seguimos as premissas de Kapferer (1993), Lévy (1999) e Jenkins (1992) para entender melhor o caso.

Palavras-chave: Boatos; *Fake news*; Jornalismo Digital; Marielle Franco.

Introdução

Com a popularização da internet, grande parte da população teve o acesso à rede mundial de computadores ampliado. Dessa forma, as notícias ganharam uma maior rotatividade e começaram a circular de forma mais frequente, aumentando o nível de informação da sociedade. Por outro lado, a abrangência do acesso a esses dados, principalmente após o surgimento das redes sociais, fez com que as pessoas comesçassem a criar o seu ambiente na esfera digital e o próprio material, disseminando uma grande quantidade de conteúdo, seja ele verídico ou não.

Nos últimos anos, acompanhamos através da mídia diversos casos com grande repercussão, entre eles as circunstâncias em torno da execução da vereadora Marielle Franco, do PSOL, que ocorreu em 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro. Neste caso,

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior - XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Graduando do Curso de Jornalismo, da Faculdade Estácio São Luís, email: tnogueira8@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor Msc. do Curso de Jornalismo, da Faculdade Estácio São Luís, email: paulopel@bol.com.br

⁴Notícias falsas, publicadas e divulgadas de modo a enganar o público, atendendo a algum interesse escuso. (ALVES, 2017)

surgiram vários boatos que contestavam a honestidade da política carioca, inclusive associando à sua imagem traficantes altamente perigosos. Foram diversas as formas de boatos disseminados, como a informação de que Marielle foi casada com o traficante Marcinho VP.

No mesmo contexto, um novo conceito voltou a ser utilizado, o das *fake news*, termo que ganhou notoriedade durante as eleições para presidência em 2016, nos Estados Unidos. Com toda a evolução nos métodos de comunicação, seja através da popularização da internet através de celulares com acesso à rede mundial de computadores ou das mídias sociais esse tipo de propagação foi ganhando cada vez mais espaço, existindo inclusive empresas especializadas em criar informações falsas na rede e compartilhá-las através de diversas mídias.

O surgimento e a evolução da internet

A internet foi criada em 1969 nos Estados Unidos, durante a Guerra Fria com o nome de Arpanet. A rede pertencia ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos e o seu papel na época era manter a comunicação entre cientistas e militares, independente de bombardeios. Na década de 1980, o seu nome mudou para internet e começou a ser utilizada para meios acadêmicos.

O serviço de internet foi restrito a fins governamentais dos Estados Unidos até o início da década de 1990, porém, a partir de 1995, com o surgimento de empresas especializadas em provedores de internet, essa rede começou a ganhar popularidade entre a sociedade e a ser utilizada para fins privados. Nos últimos anos, através de ferramentas de inclusão social e das mídias sociais a população brasileira teve o seu acesso à internet ampliado.

Em 2016, 116 milhões de brasileiros tinham acesso à rede mundial de computadores, o equivalente a 64,7 % da população com idade acima de 10 anos. Estes dados fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C), divulgada em fevereiro de 2018 pelo IBGE. Para se ter uma ideia, em 2012 apenas 49% da população tinha acesso à internet e a principal causa para o crescimento da conectividade foi o aumento do uso de aparelhos celulares.

Com o investimento na conexão por *smartphones*, as pessoas começaram a trocar mais informações entre si, fazendo com que a população aumentasse o seu nível de conhecimento. Em contrapartida, o acesso desenfreado à informação fez com que as pessoas pudessem criar e compartilhar o seu próprio conteúdo através das redes e mídias sociais, conteúdo que poderia esse ser verdadeiro ou não. Nesse sentido, essas pessoas começam a tornar-se “consumidores que também produzem, leitores que também escrevem e espectadores que também participam” (JENKINS, 1992, p. 208).

As mídias sociais ganharam notoriedade nos anos 2000, após a popularização da internet. O ápice começou em 2004 com a criação do Orkut, rede social pertencente ao Google. Entre as mídias sociais mais populares atualmente estão o Facebook, Twitter, Instagram, Whatsapp, You Tube, Google + e Snapchat.

Boatos e *Fake news*

No Dicionário Aurélio (2018), boato significa: "Notícia (ainda não confirmada) que é do domínio público., Atoada., Ruído; espalhafato". Como vimos no significado, boato é sinônimo de ruído, que na comunicação seria a interferência na transmissão da mensagem entre o emissor e o receptor, danificando o resultado final da mensagem.

Para Kapferer (1993), o boato pode ser considerado uma das mídias mais antigas já existentes no mundo, antes mesmo da escrita, já que o mesmo precisa basicamente do popular boca a boca para ser propagado. O boato funciona como se fosse a brincadeira do telefone sem fio, onde alguém no início da linha cria a informação, passa para a primeira pessoa, mas no decorrer da transmissão a informação é distorcida e pode chegar totalmente diferente à última pessoa do ciclo. Logo

O boato é uma proposição ligada aos acontecimentos diários, destinada a ser aumentada, transmitida de pessoa a pessoa, habitualmente através da técnica do ouvir-dizer, sem que existam dados concretos capazes de testemunhar exatidão (ALLPORT; POSTMAN, 1946, Apud KAPFERER, p. 5).

Nos últimos anos, a propagação de boatos aumentou consideravelmente com o surgimento das mídias sociais. O uso de forma irresponsável dessa ferramenta pode

prejudicar a reputação de uma pessoa e até mesmo de empresas, causando prejuízo moral e até financeiro.

Para Bahia (2016) “essa mídia informal, constituída pelos boatos e fofocas, é extremamente eficaz porque está baseada no testemunho”. Ele também conclui que “a fonte influencia diretamente na decisão do receptor de passar ou não a mensagem adiante.” Ou seja, se o emissor tem credibilidade, automaticamente a história parece que é verdadeira.

No século XXI, os boatos prevaleceram e ganharam grandes aliadas, as redes sociais. Através dessas novas mídias, o jornalismo precisou se modernizar e ao mesmo tempo necessitou criar ferramentas de apuração mais eficazes, já que a população começou a criar e a disseminar a própria notícia. Para Lévy (1999), “é impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo”.

As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria de ordem de causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas. (LEVY, 1999, p. 23).

Um conceito mais moderno foi criado recentemente para as informações falsas, é o da *fake news*. Esse termo já era utilizado desde 1980, para descrever um tipo de artigo falso, criado por fábricas de conteúdos com valor duvidoso. Ao contrário dos boatos esse conceito é utilizado para informações que são criadas geralmente por alguma empresa especializada na criação de notícias falsas com o objetivo prévio de distorcer algo, com formato semelhante ao de uma notícia verdadeira, com o objetivo prévio de beneficiar ou denegrir alguém.

Esse fenômeno não é exclusivamente brasileiro, mas algo que ocorre no mundo inteiro. As *fakes news* ganharam popularidade na época das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, onde Donald Trump e Hillary Clinton disputavam o poder

estadunidense. Na semana do impeachment⁵ da ex-presidente Dilma Rousseff, por exemplo, de 5 notícias compartilhadas nas redes sociais, 3 eram falsas.

Muitos se perguntam o motivo pelo qual as pessoas preferem se sustentar em informações falsas que em verdadeiras. Sustein (2010, p.8) explica que isso se deve a fatores psicológicos do indivíduo, pois “muitos de nós acreditamos em boatos falsos em virtude de nossos medos ou de nossas esperanças”, ou seja, algumas pessoas compartilham notícias falsas, pois é o que gostariam de ver diariamente em sites e noticiários, é como se quisessem compartilhar e acreditar naquilo que elas queriam que fosse real.

Seja qual for a relação entre realidade divulgada e a realidade “verdadeira”, os receptores consideram as notícias como o testemunho autêntico dos acontecimentos “reais”. Isto significa que no tocante ao seu efeito ele deve colocar-se em equação com a realidade. (SCHULZ, 1976, p. 29 apud KUNCZIK, 2001, p. 250).

As *fake news* entram em nossa consciência contra a nossa vontade e são formuladas de uma forma que chamam mais a nossa atenção. De acordo com um estudo realizado por pesquisadores do MIT⁶ e divulgado pela revista Science, as notícias falsas têm 70% mais chances de serem compartilhadas do que as verdadeiras, pois segundo os pesquisadores novidades atraem a atenção do ser humano. Ao receber as informações, várias áreas do cérebro são ativadas, onde as notícias absurdas chamam mais atenção do que as normais que geralmente vemos diariamente, tanto pela forma como a pessoa recebe a notícia como pelo modo de divulgação.

O estudo analisou seis sites, onde enquanto as informações falsas foram difundidas por até 100 mil pessoas, as verdadeiras raramente foram vistas por cerca de mil pessoas. Os pesquisadores concluíram que as notícias verdadeiras demoram seis vezes mais tempo do que as falsas para atingir um grupo de 1,5 mil pessoas.

Entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018 o portal da Folha de São Paulo fez uma análise semelhante com algumas páginas no Facebook. Foram analisadas 21 páginas que postam conteúdo falso e 51 que são dedicadas ao jornalismo profissional.

⁵Palavra de origem inglesa que significa "impedimento" ou "impugnação", utilizada como um modelo de processo instaurado contra altas autoridades governamentais acusadas de infringir os seus deveres funcionais.

⁶Instituto de Tecnologia de Massachussetts (MIT, na sigla em inglês).

Enquanto a taxa de interações do primeiro grupo cresceu 61,6%, a do segundo grupo diminuiu 17% no mesmo período. A análise usou os dados do CrowdTangle⁷.

A relação entre as notícias falsas e o sensacionalismo

Com o propósito de atrair mais acessos e lucrar mais algumas páginas acabam aderindo a títulos sensacionalistas⁸, para conquistar a atenção do público, já que os sites costumam lucrar pelos anúncios expostos em suas páginas, o que significa que quanto maior a audiência, melhor o retorno financeiro. A venda da publicidade costuma ser feita por agências especializadas ou via ferramentas como o Google AdSense⁹.

Podemos citar como exemplo deste tipo de sites, o Pensa Brasil, página criada por Alberto Júnior da Silva, mais conhecido como Beto Silva e que é responsável por vários sites com mesmo teor de conteúdo. Em dezembro de 2016, o Pensa Brasil chegou a publicar uma notícia com o título "Lula lutou muito pelo Brasil, não merecia esse juizinho fajuto, diz Gilberto Gil". Em seguida o cantor Gilberto Gil entrou na Justiça contra a página e o Facebook, pedindo a retirada de todos os links e compartilhamentos da notícia falsa. O juiz Carlos Saraiva, do Rio de Janeiro, deferiu o pedido de Gil.

A maioria dos sites que utilizam cunho sensacionalista são registrados fora do Brasil, não publicam endereço, nem telefone e muito menos fazem a identificação dos autores do texto, o que complica o seu possível rastreamento e a checagem da informação.

Nos últimos anos, muitas notícias falsas foram compartilhadas no país, entre elas a que a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, moradora do Guarujá, em São Paulo, fazia rituais de magia negra envolvendo crianças. O boato foi divulgado por páginas sensacionalistas e rapidamente ganharam as mídias sociais, o que ocasionou na morte de Fabiane em 5 maio de 2014, aos 33 anos. Na ocasião populares reconheceram a foto da

⁷Ferramenta do Facebook que faz o mapeamento das publicações feitas por essas páginas.

⁸Caracteriza-se por apelo emotivo e o uso de imagens chocantes na cobertura de um fato e induz o espectador a prender-se a fatos em sua maioria distorcidos, trazendo à tona uma realidade irreal e alterada do cotidiano.

⁹Serviço de publicidade oferecido pelo Google.

dona de casa e a lincharam até a morte. Três anos depois, apenas cinco pessoas foram condenadas.

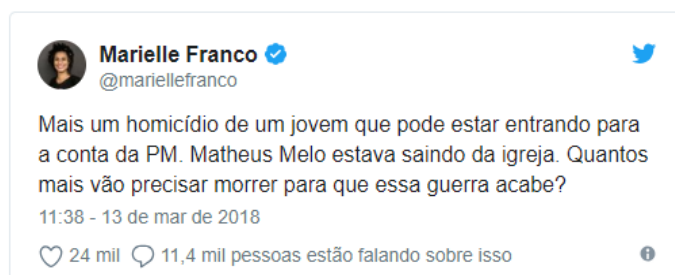
O caso Marielle Franco

Marielle Francisco da Silva foi uma política carioca, filiada ao PSOL-RJ. Marielle foi a 5ª vereadora mais votada nas eleições municipais em 2016, no Rio de Janeiro, com 46,5 mil votos. Marielle Franco começou a militância ainda jovem e tinha como umas das principais bandeiras o combate à violência policial.

Horas antes de ser assassinada, Marielle havia questionado a morte suspeita de um jovem chamado Matheus Melo, que morreu aos 23 anos após ser baleado na favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro. Um mês antes da sua morte, a vereadora foi nomeada relatora da comissão especial que acompanharia a Intervenção Militar no Rio de Janeiro.

Um mês antes da sua morte, a vereadora foi nomeada relatora da comissão especial que acompanharia a Intervenção Militar no Rio de Janeiro. Marielle era feminista e presidente da Comissão de Defesa das Mulheres e dos menos favorecidos. A política também lutava pelos direitos dos homossexuais, das lésbicas, bissexuais e transexuais.

Figura 1: Marielle Franco questionando a morte de Matheus Melo.



Fonte: Twitter/Reprodução.

Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes, foram mortos a tiros em 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro, quando estavam voltando de um evento com jovens negras. A principal teoria utilizada pela polícia seria a que os dois teriam sido

executados, já que Marielle foi atingida por pelo menos quatro tiros na cabeça e o seu carro havia sido seguido por vários quilômetros.

O crime teve bastante repercussão nas ruas e acabou chamando a atenção não só de brasileiros, mas de toda a imprensa internacional. “Um membro do conselho da cidade e seu motorista foram mortos a tiros por dois assaltantes não identificados em uma rua no centro, no Rio de Janeiro, a segunda maior cidade do Brasil, onde militares foram convocados há um mês após uma onda de violência”, dizia o texto publicado nos sites do 'The New York Times', 'The Washington Post' e da rede ABC.

Até então, ninguém foi responsabilizado pelo crime. O ministro da Segurança Pública, Raul Jungmann revelou que entre os investigados estão o vereador Marcelo Siciliano (PHS), um policial militar e um ex-policial militar Orlando Oliveira de Araújo, que atualmente está preso acusado de chefiar uma milícia.

Após a morte de Marielle Franco diversas informações foram compartilhadas na internet, algumas de cunho verdadeiro e outras falsas. Uma das informações que mais chamou atenção foi a de que Marielle havia tido um relacionamento com o traficante Marcinho VP, que teria engravidado aos 16 anos e que também teria sido eleita pelo Comando Vermelho¹⁰, tal boato foi compartilhado inicialmente no Facebook e depois foi compartilhado em outros sites. A prova seria a seguinte foto:

Figura 2: Suposta imagem de Marielle e Marcinho VP.



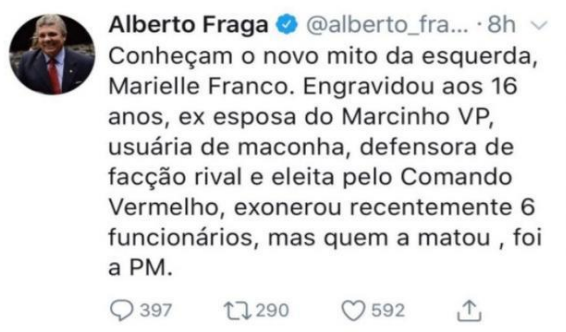
Fonte: Fotolog/ Reprodução.

¹⁰Uma das maiores organizações criminosas do Brasil, com origem no estado do Rio de Janeiro.

A foto¹¹ em questão foi publicada em 13 de agosto de 2005, através do usuário ‘*Ktaputas_*’, no Fotolog¹². Na legenda o usuário afirma que a foto foi tirada em Pau de Ferros, no Rio Grande do Norte, em um local conhecido como “Cabaré de Jaqueline”. As pessoas na foto não eram Marielle e nem Marcinho VP.

A notícia foi inicialmente divulgada na página Ceticismo Político, perfil ligado ao MBL (Movimento Brasil Livre), no Facebook. Foram cerca de 400 mil compartilhamentos, que ganharam proporções ainda maiores após o Movimento Brasil Livre replicar a informação. Entre as pessoas que compartilharam tal boato estão a desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Marília Castro Neves e o deputado federal Alberto Fraga (DEM-DF).

Figura 3: Publicação do deputado Alberto Fraga, sobre Marielle.



Fonte: Twitter/ Reprodução.

O Ceticismo Político usou como base uma matéria da colunista Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo. A publicação de Bergano citava um texto compartilhado pela desembargadora Marília Castro Neves, no Facebook. A página na ocasião distorceu algumas informações e publicou a matéria com o título: “Desembargadora quebra narrativa do PSOL e diz que Marielle se envolvia com bandidos e é ‘cadáver comum’”.

A Delegacia de Repressão a Crimes de Informática recebeu milhares de denúncias reunidas por advogadas que integraram uma força-tarefa contra a propagação

¹¹ “-ktaputas_”. Disponível em: < <http://archive.is/rwvWU>>. Acesso em: 29. Mar. 2018.

¹² Site que oferece serviço de hospedagem de fotografias.

de calúnias sobre a vereadora. Após essas denúncias, o Facebook foi obrigado a tirar do ar os perfis responsáveis pela divulgação de tais inverdades sobre Marielle e a Polícia Civil abriu inquérito para identificar os responsáveis por produzir e espalhar as notícias falsas.

Figura 4: Comentário da desembargadora Marília Castro Neves, sobre Marielle.



Fonte: Facebook/ Reprodução.

O PSOL chegou a entrar com uma reclamação disciplinar no Conselho Nacional de Justiça (CNJ) contra a desembargadora Marília Castro Neves. Após a repercussão a desembargadora Marília Castro Neves divulgou uma nota sobre o caso admitindo que havia repassado de forma precipitada notícias que circulavam nas redes sociais e que a conduta mais ponderada seria esperar o término das investigações para, na condição de cidadã, opinar ou não sobre o tema.

Como apurar e identificar se uma notícia é falsa

Normalmente, no jornalismo as informações passam por um árduo processo de checagem e apuração, que através da internet pode tornar-se mais difícil devido à quantidade imensa de informações que circulam na rede.

Com a instantaneidade das informações, acaba-se exigindo do jornalista uma maior rapidez no processo de apuração, o que pode prejudicar o resultado final, através de informações mal apuradas. Para Silva (2017) o jornalista não pode se apressar em divulgar a informação, mas deve primeiramente checar a informação com exatidão para que o mesmo não divulgue uma notícia que esteja errada.

Podemos destacar como características de uma notícia falsa o tom alarmante, geralmente sensacionalista. Esse tipo de notícia geralmente não cita a fonte da informação e não possui datas ou lugares para averiguação, nesse tipo de informações há também um pedido de compartilhamento enfático, não citam documentos que comprovem a informação ou quando apresentam são documentações alteradas.

Para Tuchman apud Kunczik (2001) são inúmeros os perigos na propagação de informações mal apuradas por jornalistas e meios de comunicação. Tais consequências além de derrubar a credibilidade jornalística podem trazer sequelas irreversíveis.

Esses perigos, que incluem o risco de um processo por difamação, perda de anúncio, queixas por parte do público e críticas internas. Assim, os fatos a serem publicados como reportagens tinha que ser verificados tanto quanto possível. Verificar nesse sentido, significa fazer mais investigações. (KUNCZIK, 2001, p.270)

Devido à grande demanda de notícias falsas sendo compartilhadas após a popularização da internet, foi surgindo a necessidade de formas mais eficazes para a apuração jornalística, dando origem às *fact-checking*¹³, uma forma de qualificar a informação através da apuração jornalística. Esse tipo de agência tem especialidade em apuração e trabalham com o confronto de informações, através de pesquisas, verificação de histórias, registros e também são responsáveis por conferir o grau de verdade da informação.

As *fact-checking* acabaram se tornando uma verdadeira arma contra as notícias falsas. A iniciativa surgiu através do jornalista americano Brooks Jackson em 1991, durante as campanhas eleitorais nos Estados Unidos, porém o primeiro site¹⁴ com especialidade em checagens de informações só entrou no ar em 2003 através do próprio Jackson. A Agência Lupa, primeira empresa especializada em *fact-checking* no Brasil foi inaugurada em 2015.

¹³Em tradução livre 'checagem de fatos'.

¹⁴*FactCheck.org* - A Project of The Annenberg Public Policy Center. Disponível em: <www.factcheck.org/>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Combate às *fake news* no Brasil

Atualmente, o Código de Ética do Jornalismo é o responsável por estabelecer normas que orientam a execução da profissão de jornalista no Brasil. O Código fixa as normas a que deverá subordinar-se a atuação do profissional nas suas relações com a comunidade, com as fontes de informação e entre jornalistas.

Em diversos artigos, o Código reitera o compromisso do jornalista com a veracidade das informações, assim também com a imparcialidade e o rigor na apuração dos fatos. No art. 2º, o Código de Ética (2007) destaca que "a divulgação da informação, precisa e correta, é dever dos meios de divulgação pública, independente da natureza de sua propriedade".

O art. 4º destaca que "o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação" (CÓDIGO DE ÉTICA, 2007, art. 8). Em nenhum momento o Código de Ética (2007) fala a respeito das consequências de uma informação errônea ou falsa, mas frisa que

Os jornalistas que descumprirem o presente Código de Ética estão sujeitos às penalidades de observação, advertência, suspensão e exclusão do quadro social do sindicato e à publicação da decisão da comissão de ética em veículo de ampla circulação (CÓDIGO DE ÉTICA, 2007, art. 17).

Até então, o Brasil não possui nenhuma legislação específica que puna o compartilhamento de notícias falsas na internet. Entretanto, diversos projetos de Lei tramitam no Congresso Nacional, que buscam a punição para quem gera e propaga notícias falsas na Web. Um dos projetos em tramitação no Senado é de autoria do senador Ciro Nogueira (PP-PI), que "imputa detenção, de seis meses a dois anos, e multa, para quem divulga notícia que sabe ser falsa e que possa distorcer, alterar ou corromper a verdade sobre informações". Para alguns especialistas o projeto beneficia apenas políticos e fere a democracia.

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) prometeu medidas que incluem prisão e bloqueio de bens a quem disseminar notícias falsas com o intuito de influenciar nas eleições de 2018.

Considerações finais

O papel do jornalista deve ser antes de tudo o de informar a população, seguindo o Código de Ética do Jornalismo. Deve ter um imenso cuidado na apuração e na checagem de dados na era onde muitos podem ser produtores e consumidores da própria notícia, pois informações mal apuradas podem colocar em risco reputações, a economia e até mesmo vidas.

Cabe ao profissional verificar os mínimos detalhes na checagem da informação, baseando-se em primeiro lugar na ética, sem que haja interferências externas, com o intuito que os dados sejam verificados de forma imparcial, sem a intenção de beneficiar somente um lado, mas com o objetivo de deixar bem informado o maior interessado, o cidadão.

É necessário que os profissionais da comunicação executem o conteúdo que foi estudado na Academia, os métodos e as técnicas necessárias para uma boa apuração, para que não ocorram ruídos e para que não haja riscos à credibilidade jornalística, pautando-se na responsabilidade com o próximo e na ética. Portanto, é extremamente importante que o jornalista como produtor e emissor da notícia possa saber discernir entre uma informação falsa e uma verdadeira, para que o mesmo possa combater a propagação de boatos e *fake news*.

Referências

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. 2017. **Social Media and Fake News in the 2016 Election. Journal of Economic Perspectives**, 31(2): 211-36.

ALVES, Gabriel. **Cientistas buscam estratégias para lutar contra 'fake news'**. Folha de São Paulo, 12 de março de 2017.

BAHIA, Paulo. **Boatos e fofocas, ouvir dizer que**. Superinteressante. 31 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/boatos-e-fofocas-ouvi-dizer-que>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

CÓDIGO, de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Federação Nacional dos Jornalistas. Brasília-DF, 2007.

DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. (2. Ed. - 9. reimpr.). São Paulo: Atlas, 2017.

JENKINS, H. **Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture**". New York: Routledge, 1992.

KAPFERER, Jean Noël. **Boatos: a mais antiga mídia do mundo**. Tradução de Ivone da Silva Ramos Maya. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: norte e sul-Manual de Comunicação**. Edusp, 2001

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Morte e vida da imprensa**. Revista de Jornalismo ESPM/Columbia Journalism Review , São Paulo, p. 36-38, Jan./Jun. 2017

Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE | Tecnologia | G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

Boato: Significado de boato no Dicionário Aurélio de Português Online. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/boato>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

Como funciona a engrenagem de notícias falsas no Brasil – 19/02/2017 – Ilustríssima – Folha de S. Paulo. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859808-como-funciona-a-engrenagem-das-noticias-falsas-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 29 abr.2018.

Fake News ganha espaço no Facebook e jornalismo profissional perde - 08/02/2018 - Poder – Folha. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/fake-news-ganha-espaco-no-facebook-e-jornalismo-profissional-perde.shtml>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

Jungmann diz que vereador, policial militar e ex-PM estão entre os investigados no caso Marielle | Rio de Janeiro | G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/jungmann-diz-que-vereador-policial-militar-e-ex-pm-estao-entre-os-investigados-no-caso-marielle.ghtml>> Acesso em: 10 mai. 2018.

Marcinho VP e Marielle: A verdade sobre esse boato | VEJA.com. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/me-engana-que-eu-posto/marcinho-vp-e-marielle-a-verdade-sobre-esse-boato/>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Morte de vereadora no Rio repercute na imprensa internacional | Rio de Janeiro | G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/morte-de-vereadora-no-rio-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>> Acesso em: 29 abr. 2018.

Post mais compartilhado sobre Marielle Franco é um "fake news" comprovado. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/03/ceticismo-politico-fake-news-marielle.html>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Quem é Marielle Franco | Gazeta do Povo. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/marielle-franco-a-negra-da-favela-da-mare-que-foi-a-5-vereadora-mais-votada-do-rio-1hsim7hw2dnu5lcelet5jen0o>>. Acesso em: 29 abr. 2018.